

DOI: 10.21204/2359-375X/ancora.v3n1p7-26

A polivalência dos jornalistas em emissoras de TV do Brasil e de Portugal na distribuição multiplataforma de conteúdos

The multiskill of journalists on TV stations in Brazil and Portugal in the multi-platform distribution of content

Washington José de SOUZA FILHO¹

Resumo

O sistema digital não linear modifica a atuação dos jornalistas em uma prática do telejornalismo como a edição marcada pela divisão do trabalho. A mudança estabelece um modelo de convergência, de dimensão profissional, que favorece a distribuição multiplataforma, uma estratégia adotada pelas emissoras de televisão, a partir da década de 90, relacionada com o quadro atual de reconfiguração - baseado na digitalização, as novas tecnologias de comunicação e a convergência tecnológica. A avaliação corresponde a um estudo comparativo entre telejornais do Brasil e de Portugal, de TVs que transmitem com o sinal aberto e as de sinal fechado, duas de cada país. A análise vincula-se a uma tese de doutorado, aprovada em julho de 2015, na Universidade da Beira Interior, em Portugal.

Palavras-chave

Jornalismo televisivo; Práticas jornalísticas; Polivalência profissional.

Abstract

The non-linear digital system modifies the role of journalists in a practice in television journalism as the edition marked by the division of labor. The change establishes a model of convergence, professional dimension which favors multi-platform distribution, a strategy adopted by television broadcasters, from the 90s, related to the framework of the current reconfiguration - based scanning, new communication technologies and technological convergence. The assessment is a comparative study of TV news from Brazil and Portugal, TVs that with the open sign and the closed sign, two from each country. The analysis is linked to a doctoral thesis, approved in July 2015 at the University of Beira Interior in Portugal.

Keywords

Television journalism; Journalistic practices; Professional versatility.

RECEBIDO EM 21 DE NOVEMBRO DE 2015
ACEITO EM 15 DE FEVEREIRO DE 2016

¹ Jornalista. Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior. Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela FACOM - Universidade Federal da Bahia. É docente da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Atuou como Coordenador-Geral da TV Educativa (2006). Desenvolve pesquisas nas áreas de história da televisão brasileira, o poder da televisão no Brasil, critérios de noticiabilidade no telejornalismo, notícia nacional, edição no telejornalismo e convergência profissional. Organizou o livro "**Memórias do Telejornalismo na Bahia** - lembranças do passado para compreender o presente" (2015). Contato: wasfilho@ufba.br; washsfilho@gmail.com

Edição da notícia na TV: o estabelecimento de uma ruptura

O sistema digital não linear representa a mais significativa mudança relacionada com a edição, mais de 100 anos depois do desenvolvimento do processo no cinema (OHANIAN, 1998), com o termo de montagem, no início do século XX. A designação como não linear, atualmente, é a forma de distinguir o acesso e a edição das gravações de imagem e áudio, transformadas em arquivos digitais, com o uso do computador.

A mudança representa uma ruptura, definida pela participação do jornalista, de forma direta na edição, sem o acompanhamento de um profissional com aptidão para realizar os procedimentos operacionais, utilizando as “ferramentas”. A mudança tem um alcance maior, porque o sistema de edição não linear é o recurso que permite integrar e distribuir conteúdos, através do funcionamento das redações baseadas na tecnologia digital, para as várias plataformas utilizadas pelas emissoras (BANDRÉS et al, 2002; PAVLIK, 2005).

A mudança da forma de editar, inclusive a participação do jornalista, está relacionada com a transformação da tecnologia. A edição digital representa a maior alteração do processo, uma prática que teve como a mais importante modificação a implantação do som, no fim da década de 20, do século passado, e tem sido caracterizada pela divisão do trabalho entre o jornalista e um profissional – o editor de imagem – de capacitação técnica.

O sistema digital de edição favorece a distribuição multiplataforma, uma estratégia adotada pelas emissoras de televisão em busca da manutenção da audiência, a partir do surgimento dos novos meios. A modificação estabelece uma nova característica para as práticas profissionais do jornalismo. A alteração relaciona-se com a atuação e o perfil do jornalista com reflexo nas rotinas de produção, com uma intensidade diferente, maior ou menor, em termos de edição, da mesma forma que em diversos saberes das categorias profissionais relacionadas com o jornalismo, envolvidas nas tarefas para elaborar e definir a notícia.

O impacto das transformações promovidas pela tecnologia, considerado maior do que em outros períodos, é influenciado pela explosão da internet, a partir da década de 90, que é essencial para caracterizar o novo quadro, definido como de “reconfiguração” (COTTLE; ASHTON, 1999; AVILÉS, 2006). A “reconfiguração” está caracterizada por elementos como a digitalização, as novas tecnologias de comunicação e a convergência tecnológica. O termo define a influência de uma nova forma de “distribuição da informação e mudanças das práticas profissionais” (COTTLE; AHSTON, 1999, p. 22).

A avaliação do quadro no Brasil e em Portugal, em função das mudanças das rotinas de produção em telejornais dos dois países, decorre da implantação do sistema digital de edição não linear. A análise está relacionada com uma tese de doutorado, apresentada em julho de 2015, na Universidade da Beira Interior, em Portugal².

O estudo baseia-se na sociologia da produção da notícia, por meio da avaliação das rotinas produtivas do jornalismo televisivo, compreendidas no contexto da reconfiguração dos meios de comunicação, incluída a televisão. A dimensão pode ser mais bem compreendida por meio da noção de “construtivismo social” (DOMINGO, 2008), considerada como uma referência para uma prática como a edição da notícia no jornalismo televisivo, determinada por dois contextos, estabelecidos pela tecnologia e a cultura profissional.

Os contextos – material e social – caracterizam a influência da tecnologia e a participação dos jornalistas na transformação. O contexto material define o aspecto tecnológico, que corresponde às ferramentas associadas às habilidades necessárias para a prática profissional do jornalismo. O segundo contexto - o social - estabelece a participação dos jornalistas e reflete a cultura profissional. A prática das rotinas relaciona-se com o contexto de produção.

A produção integrada de conteúdos é a dimensão da convergência que está relacionada com as práticas profissionais do jornalismo, com influência na forma de atuar e no perfil dos jornalistas. A tecnologia tem

² A realização da tese foi financiada com bolsa da Capes, através da modalidade Doutorado Pleno no Exterior.

influenciado a prática do jornalismo televisivo ao integrar funções através do uso de equipamentos de menor custo e que permitem a operação até mesmo por apenas um profissional.

Polivalência: nova forma de o jornalista atuar

A polivalência surge como o reconhecimento da alteração estabelecida na atuação do jornalista, com o sistema digital de edição não linear. O acúmulo de tarefas, com a realização dos procedimentos de edição, através do computador, e de novas funções, como a parte operacional do processo, representa uma modificação fundamental no perfil do jornalista e na sua atividade para definir a forma da notícia na TV.

A nova prática, adotada para a edição, reflete a transformação da tecnologia nas emissoras televisivas com o estabelecimento de um novo ecossistema dos meios de comunicação. O sistema digital não linear redefine procedimentos realizados desde a implantação do jornalismo na TV, com recursos e práticas adotadas pelo cinema, relacionadas com as tarefas do jornalista para editar a notícia.

As mudanças estabelecidas pela tecnologia digital, entre elas o computador como equipamento básico, interferem nas rotinas adotadas pelo jornalismo e na forma de atuação do jornalista. Neste sentido, a análise desta transformação é uma tentativa de compreender o impacto da tecnologia quando se elabora um produto do jornalismo, através da avaliação da atuação dos jornalistas, como responsáveis por todo o processo.

As questões surgem pela intervenção direta do jornalista para editar a notícia relativa à forma de apresentação nos telejornais, submetida a regras e convenções adotadas pela TV, com base na linguagem audiovisual. A variedade de plataformas para as quais as emissoras distribuem o sinal interfere na prática de edição, como ocorre com os canais especializados em notícia, que funcionam em um ritmo diferente das estações generalistas, em um fluxo informativo de 24 horas de duração, sete dias por semana.

A atuação do jornalista, no contexto da convergência, corresponde a uma estratégia adotada pelas empresas, que modifica a forma de

produzir e distribuir o conteúdo: é o estabelecimento de uma polivalência, pela qual o jornalista realiza a edição da notícia sem a participação de um profissional especializado, da forma anteriormente consolidada pelas emissoras televisivas. O funcionamento de uma redação digital tem o computador como equipamento básico.

O equipamento modifica o trabalho em uma redação - baseada na integração permitida pela tecnologia digital - de, pelo menos, quatro maneiras, com a participação do jornalista na tarefa de editar a notícia (BANDRÉS et al, 2002):

1. O jornalista controla todo o processo de edição da notícia, através da seleção das imagens, a redação do texto e a inserção do áudio, relacionado com a narração, que pode ser feita por ele mesmo, do posto de trabalho, e as entrevistas;
2. A equipe técnica é reduzida, o que faz com que o jornalista tenha mais funções, entre elas as que estão vinculadas ao processo operacional, como o controle do equipamento - um computador, no caso do sistema digital - para a edição da notícia;
3. A produção é maior, o que permite mais versões da mesma notícia para programas informativos e canais diferentes - abertos ou generalistas; fechados ou temáticos; e a internet -, no caso de uma emissora que distribua o conteúdo através de modalidades distintas, além das alternativas relacionadas com outros meios, pela possibilidade de armazenamento em servidores, integrados a uma rede de transmissão de dados;
4. O processo é, integralmente, automatizado a partir da edição, o que favorece o armazenamento e a exibição de cada notícia.

Sistema digital não linear: os novos procedimentos

O sistema digital de edição não linear representa a modificação de um processo desenvolvido pelo cinema, iniciado na primeira década do século XX, cuja maior mudança foi a introdução do som no fim da década de 20 (OHANIAN, 1988). O sistema corresponde a uma troca de ferramentas, sem alterar o processo, com o uso do computador

(BROWNE, 2003). As diferenças entre o sistema não linear e o linear são definidas de três formas: em relação à qualidade e ao uso; ao equipamento de edição utilizado; e à forma de registro da informação (FRANCÉS, 2014).

A distinção entre o tipo de equipamento estabelece a forma de acesso e de realização da edição. O procedimento no sistema linear é realizado com a ilha de edição, formada por duas máquinas, uma para a reprodução do material gravado, a outra para a cópia do trecho selecionado - o que é editado -, controlada por um dispositivo específico, usado para todo o processo - à semelhança de um *joystick* dos jogos de computador.

A forma de registro da informação pode ser analógica ou digital. A analógica está relacionada com o uso do *videotape* e dependia da gravação em fita. As características da fita determinavam a realização do processo da forma "linear" (FRANCÉS, 2014, p. 85). A forma digital está baseada na digitalização do material registrado na gravação. Além da maior facilidade de acesso, o *software* utilizado para a edição permite alterações, sem o comprometimento do resultado, e a aplicação de maior quantidade de efeitos visuais, sem a necessidade de outro equipamento.

A participação do jornalista no processo mantém uma limitação estabelecida no desenvolvimento da edição, com o controle da operação realizada por um profissional especializado. A mudança progressiva, sem alterar a concepção, ocorreu com o uso de equipamentos que permitiram o registro - de forma simultânea com a imagem - do som, através do sistema de *videotape* (SIRACUSA, 2001).

O jornalista pôde estabelecer uma participação sobre o conteúdo da notícia, com indicações sobre a narração e as entrevistas. O registro do som modificou a forma de edição da notícia, baseada apenas em imagens quando não ainda existia o recurso da gravação do áudio dos jornalistas e dos entrevistados, como ocorreu com o filme. O som acrescentou mais um elemento ao jornalismo televisivo, o que determina outra referência para a informação, que não estava mais restrita, apenas, à imagem.

A interferência do jornalista na edição da notícia assume uma participação mais efetiva, sem implicar em um controle do processo. A

participação do jornalista, avaliada através da sua atuação na edição, reflete a estrutura adotada nas emissoras de TV, que está baseada na divisão de trabalho, com uma distinção das tarefas por categorias profissionais.

A estrutura mais comum para editar uma notícia consiste em, pelo menos, dois profissionais – um jornalista, que pode ter a tarefa como função específica ou não, e um editor de imagem. A composição determina a diferença entre as atividades de cada um, quanto ao levantamento das informações para a redação de um texto relacionado com as imagens gravadas, que vão ser associadas a uma narração - um relato sobre o fato - na edição. A modificação que a tecnologia promove intensifica a redução do número de profissionais, com a ampliação das tarefas.

A edição complementa o trabalho da reportagem, numa sequência das rotinas de produção. O jornalista responsável pelo processo - compreendido como a definição da notícia relacionada com o conteúdo, considerada a concepção que estabelece a divisão da tarefa com outro profissional - tem as suas atribuições estabelecidas pela direção do programa.

As teorias estabelecidas sobre a edição (HERREROS, 2003; SILCOCK, 2007) são refletidas através dos métodos utilizados, que independem do sistema. A base para a edição é utilizar o texto como guia, uma referência para a inserção das imagens, o que corresponde ao processo para associar os elementos - imagem e som - da linguagem audiovisual. A edição com o sistema digital não linear permite mudanças que alteram a forma da notícia, sem comprometer o resultado final, como ocorria com o *videotape*, o que obrigava a refazer o processo.

A edição como uma prática do jornalismo televisivo tem outra abordagem. As pesquisas sobre o processo de edição da notícia, entre as que foram desenvolvidas de uma forma mais direcionada e que têm relação com o tema, analisaram aspectos como a divisão do trabalho (SIRACUSA, 2001); um padrão global (SILCOCK, 2007); a forma narrativa (HENDERSON, 2012); e as estratégias adotadas (SCHAEFER; MARTINEZ, 2009). Os estudos correspondem à busca de uma especificidade sobre o

processo de edição, mas que precisa ser compreendido no ambiente digital, no qual a participação do jornalista tem uma maior especificidade.

Em torno desta condição, a análise está relacionada com o reconhecimento de uma mudança na rotina, com a introdução do sistema digital de edição, com base nas tendências que analisam a forma de atuação do jornalista. O contexto está determinado pela prática, através das empresas, para a definição da forma da notícia nos programas de informação que compõem o *corpus* da pesquisa³.

A responsabilidade pela edição pode ser atribuída, como ocorre no Brasil, a um profissional específico - o editor. Em Portugal, sem a atribuição de editar, a atividade pode ser desempenhada pelos jornalistas *seniors* (Gomes, 2012), com a atribuição de *line producers* (Saraiva, 2011).

Brasil e Portugal: as estratégias das emissoras dos dois países

A introdução do sistema digital de edição linear não representa, no Brasil e em Portugal, uma distinção quanto às transformações que a tecnologia opera nas práticas do jornalismo e dos jornalistas em outros países. O uso do sistema surge com a reestruturação das emissoras para o funcionamento com a tecnologia digital, através da informatização das redações (KEIRSTEAD, 2005; HEMMINGWAY, 2008). O controle de todas as operações, desde o recebimento de informações à exibição dos telejornais, estava baseado na utilização do computador.

O sistema digital de edição não linear serviu de base para o funcionamento das redações, porque concentrou a produção do conteúdo. Para além disso, através da capacidade de armazenamento, participa da distribuição, com o estabelecimento da multiplataforma, sendo precisamente está uma das finalidades da convergência (GARCÍA; FARIÑA, 2010; CABRERA, 2013).

³ O *corpus* de análise da pesquisa para a tese corresponde a um estudo comparativo, entre quatro emissoras de televisão do Brasil e de Portugal, divididas entre generalistas e especializadas em notícias, através de reportagens exibidas no horário nobre dos dois países, entre 20h e 22h, analisadas no período de dois meses, entre agosto e setembro de 2013. Foram selecionados quatro programas – Jornal Nacional, da TV Globo; e Jornal das Dez, da GloboNews, do Brasil; e Telejornal, da RTP1; e Edição da Noite, da SIC Notícias.

A implantação do sistema digital de edição não linear repetiu, no Brasil e em Portugal⁴, o processo registrado em outros países, a partir dos primeiros anos da década de 90 (BANDRÉS et al, 2002). As pequenas televisões, assim como as agências de notícias, iniciaram a transformação. O processo seria ampliado para as estações temáticas, especializadas em notícias, que foram utilizadas como laboratório (AVILÉS, 2006), numa alternativa para o estabelecimento de novas rotinas, como a maior velocidade no fluxo de divulgação da notícia.

O sistema digital em Portugal, inclusive com a participação do jornalista no processo de edição, é relacionado com a implantação do Canal de Notícias de Lisboa – CNL - (AVILÉS, 2006), que deu origem ao surgimento da SIC Notícias, em 2001. Há, porém, outra referência com base no desenvolvimento do contexto digital na Rádio e Televisão de Portugal – RTP- (CARVALHO, 2009). A emissora para a realização de projetos - entre os quais a divulgação da Exposição Mundial de 1998 (Expo 98), realizada em Lisboa - instalou um sistema operacional, baseado na tecnologia digital, usado para transmitir o evento.

O projeto da RTP ganhou maior dinamismo a partir de 2004, com mudanças para atender a ampliação de plataformas e com os canais temáticos, entre eles os especializados em notícias, como a RTPN, depois RTP Informação (CARVALHO, 2009). A introdução do sistema digital de edição não linear, em Portugal, tem uma dinâmica semelhante à do Brasil. A mudança para a tecnologia digital, ou a troca do processo operacional através da integração permitida pela internet, inclusive do sistema digital de edição, foi feita com a manutenção de características relacionadas ao processo analógico. A aplicação de procedimentos distintos, para o processo de edição, representou uma fase de “transformação”:

⁴ As informações sobre o uso do sistema digital de edição linear no Brasil e em Portugal estão relacionadas com um levantamento realizado através de uma pesquisa de campo, o que incluiu um período de observação das emissoras que fazem parte do *corpus* da análise, complementadas com informações sobre projetos com o uso do sistema digital de edição não linear nos dois países. A pesquisa de campo foi realizada como parte da investigação, no período entre dezembro de 2014 e abril de 2015.

[...] o trabalho na redação dos telejornais é feito, de modo geral, a partir de um misto de tecnologias virtuais e em rede com tecnologias analógicas e lineares, refletindo neste processo também o próprio momento de transição evidenciado em todo o jornalismo de televisão, assim como na própria sociedade contemporânea. [...] embora o sinal seja armazenado digitalmente, a montagem pode acontecer tanto mecanicamente, em ilhas de edição analógicas ou lineares, quando virtualmente, em ilhas não lineares por meio de *softwares* específicos. (PICCININ, 2008, p. 31).

A implantação do sistema digital não linear no Brasil confirmou a tendência verificada em televisões de outros países da troca de tecnologia para a edição ser iniciada em uma emissora de menor porte. A Emissoras Pioneiras de Televisão – EPTV -, afiliada da Rede Globo, no interior de São Paulo, iniciou, em 2001, a utilização do sistema no país. O sistema representou mais do que uma mudança da forma de produzir e distribuir o conteúdo. A implantação do sistema digital foi uma opção de custos mais baixos para as emissoras, além da possibilidade da aplicação em atividades didáticas, com um resultado semelhante em qualidade de produção ao das estações de TV (CROCONO, 2001).

A implantação da tecnologia digital no processo de edição, no caso do Brasil, repetiu outra tendência, relacionada com outros países, através da GloboNews, a partir de 2004, canal especializado em notícias, da Rede Globo de Televisão (PATERNOSTRO, 2006). O uso do sistema instituiu a operação sem o uso de fita, denominado *tapeless*, com a integração por meio da tecnologia digital para as atividades de captação de imagens, edição e exibição.

O sistema foi progressivamente ampliado, a partir de 2005, um ano depois da primeira experiência realizada para a transmissão dos Jogos Olímpicos de Atenas. O sistema digital de edição não linear permitiu complementar a estrutura para a operação de um canal temático, especializado em notícias – o estabelecimento da capacidade de fluxo para divulgar a notícia, baseada na automatização, através da captação e a exibição.

A experiência da GloboNews ganhou maior proporção, através da estrutura da Rede Globo. O sistema digital estabeleceu duas alternativas

para a edição da notícia com a utilização dos sistemas analógico e digital (PICCININ, 2007). Uma, através das emissoras da Rede Globo que produzem e realizam os programas de jornalismo, instaladas no Rio de Janeiro e São Paulo. A outra, estabelecida pelas emissoras afiliadas, que fazem a retransmissão dos telejornais, entre as que fizeram a troca para o sistema digital de edição não linear.

Uma experiência entre as afiliadas foi desenvolvida pela Rede Paranaense de Comunicação (RPCTV), formada por oito emissoras no Paraná, no Sudeste do Brasil. A RPCTV implantou o sistema digital de edição linear em 2006, um ano depois do início do projeto, tempo utilizado para estabelecer características específicas para o funcionamento do *software* escolhido.

As emissoras que formam a Rede Paranaense adotaram o princípio da polivalência, com os jornalistas realizando as tarefas de edição da notícia, porém com a manutenção de uma parcela dos profissionais especializados, os editores de imagem. A prática da Rede Paranaense, com a participação dos jornalistas na edição, é a utilizada para as reportagens editadas para os telejornais que são exibidos pela Rede Globo.

A opção da Rede Globo, a partir de 2006 - mesmo sem a polivalência, com a participação do jornalista no processo de edição, exceto, em parte, na GloboNews - estabeleceu uma tendência, seguida em todo o Brasil. O sistema digital de edição não linear está em uso em todas as seis redes televisivas brasileiras, que transmitem para todo o País. A maior das diferenças sobre o sistema cinge-se à forma de participação do jornalista no processo de editar.

O sistema digital de edição não linear está consolidado pelas emissoras televisivas de Portugal, depois de iniciado pelo CNL e seguido pela SIC Notícias. A estação temática utilizou a produção do conteúdo para um canal 24 horas - a SIC Notícias - inserindo-a em um processo de integração, com o aproveitamento do conteúdo para a SIC Online. A marca fundamental da integração na SIC Notícias é a participação direta dos jornalistas na edição da notícia, da forma implementada em Portugal pelo CNL.

O percurso é o mesmo que foi realizado pela RTP, para permitir a distribuição de conteúdo através do canal especializado em notícias, a RTP Informação, a partir de 2008. A integração inclui a distribuição da produção através dos canais que operam na rede aberta, as estações RTP1 e RTP2, além do serviço na internet - RTP Multimedia - e o canal de notícias 24 horas.

A participação dos jornalistas na RTP é limitada à realização de tarefas de mais simples, como a edição de uma entrevista ou de um texto, em que existe a necessidade de imagens para a ilustração visual da notícia. A edição feita pelos jornalistas é através de um *software* de baixa resolução, que tem limites para realizar os procedimentos do processo.

Uma parte do processo, como as reportagens, é feita com editores de imagens - os profissionais especializados - e editada em alta resolução, da mesma forma que em outras emissoras de televisão. A realidade na empresa tem outra distinção, o funcionamento das delegações regionais, nas quais a edição é feita, na maioria dos casos, pelos repórteres de imagem, da maneira semelhante à que ocorre nas viagens para coberturas internacionais (CANELAS, 2013).

A prática das estações televisivas em Portugal foi estendida para projetos de empresas que têm origem entre os meios impressos, como os jornais *Correio da Manhã* e *A Bola*, os dois de circulação diária e segmentos diferentes - o primeiro, generalista; o segundo, esportivo. As duas empresas constituíram uma estrutura para produzir e distribuir conteúdo como uma televisão, integrada as atividades relacionadas com outros meios.

A alternativa representa a concepção do sistema digital de edição não linear como o centro básico operacional (AVILÉS, 2006), fundamental para integrar o processo de produção de conteúdo, através de meios distintos. A escolha representa a ampliação das plataformas de distribuição, por jornais impressos, com o uso da TV.

Jornalistas: as novas tendências de participação

As circunstâncias diferentes dos projetos das emissoras do Brasil e de Portugal⁵ permitem, porém, a identificação de marcos ou referências que indicam a implantação do sistema digital de edição não linear como um processo inevitável, decorrente da transformação promovida pela tecnologia (PAVLIK, 2005). A mudança representada pelo novo sistema tem um padrão, relacionada com as estações televisivas dos dois países e que pode ser demarcado de três formas:

1. A divisão das atividades das tarefas de editar, estabelecida em função das características das emissoras, como ocorre com as generalistas. A distinção, com a participação do jornalista no processo, ocorre nas emissoras especializadas em notícias, quando a edição é considerada mais simples, e define a forma de notícias que prescindem, principalmente, de recursos visuais;
2. A diferença de *software* de edição, distinguidos entre de alta e de baixa resolução, o que estabelece uma forma de atuação diferente do jornalista, em comparação com o editor de imagem;
3. A forma de edição externa, fora da área de trabalho na emissora, comum entre as estações de TV.

A primeira forma está relacionada com a divisão do trabalho e com a caracterização das funções realizadas pelos jornalistas e editores de imagem. Nos dois países existem abordagens diferentes, que definem, através de regulamentos específicos, a natureza da atividade de cada profissional, influenciada ou não pela exigência de formação. As distinções quanto às tarefas têm sido apontadas como um impedimento para que o

⁵ O Brasil e Portugal têm legislações específicas sobre o trabalho de jornalistas em emissoras de televisão, com uma abordagem específica sobre a atividade de edição da imagem. No caso da legislação brasileira, existe uma exigência sobre a formação do jornalista, relativa à posse de diploma universitário, atualmente *sub judice* por decisão do Superior Tribunal Federal, em 2001, mas com tramitação no Congresso Nacional de projeto para o restabelecimento da condição. A categoria dos editores de imagem, em Portugal, está enquadrada como jornalista. Para melhor entendimento sobre as legislações vigentes nos dois países, as informações podem ser verificadas através dos seguintes endereços: <<http://www.fenaj.org.br/juridico.php?id=5>> para informações sobre as legislações de jornalista e radialista, na qual está incluído o editor de imagem, no Brasil; <<http://www.ccpj.pt/ccpj.htm>>, em Portugal. Acesso em: 24 mar. 2015.

jornalista assuma o controle do processo de edição, limitada aos canais temáticos de notícias.

A segunda, determinada pelo tipo de *software*, estabelece o nível de participação do jornalista no processo de edição. O *software*, em geral, está dividido em dois níveis, caracterizados como de alta e de baixa resolução (OHANIAN, 1998). Nas emissoras, a opção tem sido oferecer aos jornalistas os programas para editar que permitem a realizar o processo em baixa resolução, e que fica disponível no servidor. A edição com o *software* de alta resolução é feita pelos editores de imagem.

A diferença entre os dois níveis estabelece o reconhecimento da capacitação⁶. A edição em baixa resolução, em geral, é mais simplificada, sem a possibilidade de inserção de recursos visuais, como ocorre com o processo realizado em alta. A distinção tem duas justificativas, baseadas em uma premissa, estabelecida pela função da edição no jornalismo da TV. A primeira justificativa é que a edição relacionada com o jornalismo é uma operação simples, relacionada com a forma mais simples de corte.

A segunda justificativa tem dois aspectos, que complementam um ao outro. O aspecto inicial é a operacionalidade do sistema. A utilização de mais recursos para a edição, com uma maior quantidade de *software* que esteja disponível para jornalistas, implica em um mais investimento financeiro das empresas - o aspecto final, para complementar a segunda justificativa. A edição em alta resolução permite realizar o processo sem qualquer limitação, através da conjugação das funções de mais de um equipamento no computador, por meio do *software*.

As emissoras televisivas têm optado por um sistema digital de edição linear a partir da consideração de que ser "uma ferramenta adequada à capacidade do jornalista". A escolha decorre do impacto representado pelo custo para implantar uma estrutura que permita a todos dispor de licenças de alta resolução, o que determina a diferença entre a operacionalidade de cada nível e a forma de participação do jornalista.

⁶ A referência é uma justificativa adotada na Rede Paranaense de Comunicação para o funcionamento do sistema digital de edição não linear, aplicada para qualquer emissora de televisão, de acordo com a concepção do seu desenvolvimento, dividido em dois níveis de resolução, entre a alta e a baixa (OHANIAN, 1998, p. 109-110).

A terceira forma, a realização da edição fora da área de trabalho em uma emissora, tem sido mais natural, praticada em estações do Brasil e de Portugal, principalmente nas coberturas realizadas fora dos dois países, através dos correspondentes e enviados especiais (ESPERIDIÃO, 2007; CANELAS, 2013). Uma prática utilizada desde o *videotape*, baseado na tecnologia digital, ainda sem a interação permitida pela internet, a partir da redução do tamanho dos equipamentos de edição: “[...] os jornalistas dispõem de malas com equipamentos compactos de edição, para montar a notícia do local da cobertura” (BANDRÉS et al, 2002, p. 23).

A opção entre os jornalistas brasileiros, notadamente entre os correspondentes, tem a mesma característica, mas representa uma contradição, quando comparada com a posição estabelecida no país de que existe uma divisão de trabalho, originária da diferença das atividades entre as categorias profissionais⁷.

Um resumo do quadro no Brasil e em Portugal permite identificar uma situação igual, quanto a utilização do sistema digital de edição não linear nos dois países. A frequência da sua aplicação com a participação dos jornalistas está mais disseminada, em ambos, nas emissoras que podem ser enquadradas nas características definidas a partir da implantação do sistema, representadas pelas especializadas em notícias e as de menor porte (AVILÉS, 2006).

A dimensão do porte das emissoras, naturalmente, está relacionado com o modelo de televisão de cada um dos países. A implantação do sistema digital de edição nas emissoras de TV reproduz aspectos identificados em estudos relacionados com o meio impresso, uma “padronização” das rotinas, das práticas e de atividades como a redação de textos, sem a percepção “que executam cada vez mais tarefas” (PEREIRA; JORGE; ADGHIRNI, 2008, p. 237).

O fluxo para a divulgação da notícia nos canais temáticos, especializados em notícias, influenciado pelo imediatismo como referência para o valor da informação, reproduz, no trabalho do jornalista

⁷ Os jornalistas quando atuam fora do Brasil, na função de correspondentes, aceitam realizar a tarefa de editar, sem a participação de outro profissional, diferente do que ocorre quando desempenham a atividade no País.

responsável pela edição, mais uma característica estabelecida nos jornais, com o esforço de transposição do conteúdo para a internet. A concentração das tarefas está vinculada à permanência no posto de trabalho, representado pelo computador no qual são feitas as diversas atividades, da maneira permitida pelo sistema digital de edição.

As mudanças relacionadas com a edição da notícia, da forma adotada nas emissoras TV do Brasil e de Portugal, notadamente, configura uma transformação da prática profissional dos jornalistas. Um aspecto importante, porém, é que a participação do jornalista no processo de edição depende de uma melhor avaliação, a partir do uso da tecnologia digital.

O estabelecimento de uma nova prática, para além de interferir nas rotinas de produção, modifica também a definição da notícia, avaliada sob a perspectiva que admite a participação do jornalista no processo de edição. O sistema digital de edição não linear desempenha uma função importante na integração das redações. A participação do jornalista apresenta tendências diferentes, entre as quais surge a questão da polivalência, relacionada com a realização da edição. O processo está baseado em um paradigma, a partir da sua utilização no cinema, em torno da capacidade operacional para a realização dos procedimentos e o domínio da linguagem audiovisual.

As diferenças entre as formas de atuação, ou a maneira de estabelecer a prática profissional no processo de edição, estão representadas através de três tendências:

1. O jornalista precisa ter uma capacitação técnica para corresponder às exigências necessárias à prática do jornalismo em um ambiente digital, marcado pelas transformações promovidas pela tecnologia (PAVLIK, 2005);
2. O jornalista depende da capacitação técnica, mas não precisa ser um especialista, com a manutenção da capacidade intelectual (HERREROS, 2003).

O processo técnico institui a rotina, repetindo os mecanismos adotados para realizar os procedimentos de edição. A rotina, porém, não

determina a alteração das características do trabalho do jornalista, que mantém a essência da sua atuação.

O profissional trabalha também sujeito à complexidade do equipamento que tem que manejar e à quantidade de pessoas que é necessário harmonizar. Isso leva à criação de certas rotinas no processo, ao invés de se buscar a inovação, algo mais complexo, com maiores exigências de criatividade e um tempo mais lento, e a que se tenda a repetir mecanismos. Mas uma coisa são os processos técnicos e outra a tensão jornalística na hora de tomar decisões sobre os conteúdos e a sua organização, sobre os planos, a sua ordenação, a elaboração da expressão oral e, em última análise, a montagem; cada história levanta questões diferentes; há um processo de criação (HERREROS, 2003, p. 75)

3. O reconhecimento da existência de duas categorias profissionais, com a afirmação da divisão do trabalho no processo de edição, em que a atuação do jornalista ocorre com a presença de um profissional com competência técnica específica, necessária para o controle dos procedimentos operacionais.

A edição é uma prática discursiva do jornalismo que registra abordagens mais específicas - diretamente relacionadas com o tema -, para o estabelecimento do que representa na definição da forma da notícia, apresentada através da televisão. O processo, sem a consolidação da participação do jornalista, está marcado pela manutenção da rotina, com novos procedimentos. As mudanças promovidas pela tecnologia colocaram em xeque, progressivamente, a divisão do trabalho entre profissionais de níveis diferentes.

Algumas conclusões para novas avaliações

A abordagem proposta nesta investigação permite a análise da participação do jornalista em um novo contexto, relacionado com o atual ambiente dos meios de comunicação, do qual a televisão faz parte, com as mudanças promovidas pela tecnologia. Os estudos têm analisado a participação do jornalista na edição com o sistema digital não linear, sem

determinar a consequência em termos de definição da forma da notícia, ou da sua apresentação nos telejornais.

As análises são relacionadas com o processo de edição, demarcado pela transformação da tecnologia, sem uma avaliação dos reflexos sobre esta prática como elemento discursivo do jornalismo televisivo.

A importância da mudança promovida pela tecnologia na edição da notícia ultrapassa a dimensão de prática, relacionada com a rotina. A disponibilidade do conteúdo permitida pelo sistema digital de edição não linear, utilizado como centro operativo, favorece a alternativa de distribuir por mais e novas modalidades, entre elas a internet.

As diferenças entre a forma de atuar das emissoras determinam o nível que representa o sistema digital de edição não linear para o objetivo de cada uma delas.

Referências

- AVILÉS, José Alberto. **El periodismo audiovisual**. Elche, España: Universidad Miguel Hernández, 2006.
- BANDRÉS, Elena et al. **El periodismo en la televisión digital**. Barcelona: Paidós, 2002.
- BOURDON, Jerome. From journalism to television, and back? A history of european television news. **The European Journal of Communication Research**, 25 (pp. 61 - 83), 2000.
- BROWNE, Steve. **Edición de vídeo**. Tradução Joaquín López. Madrid: Instituto Oficial de Radio y Televisión, RTVE, 2003.
- CABRERA, María Ángeles. (Coord.). **Evolución de los cybermedios: de la convergencia digital a la distribución multiplataforma**. Madrid: Editorial Fragua, 2013.
- CANELAS, Carlos. Francisco. **O binómio jornalista-editor de imagem na produção noticiosa televisiva**. Tese (Doutorado) - Universidade de Aveiro e Universidade do Porto, Aveiro e Porto, Portugal, 2013.
- CARVALHO, Alberto. **A RTP e o serviço público de televisão**. Coimbra: Almedina, 2009.
- CROCONO, Francisco. **O uso da edição não-linear digital: as novas rotinas no telejornalismo e a democratização do acesso à produção de vídeos**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- COTTLE, Simon; ASTHON, Mark. From BBC newsroom to BBC Newscentre: on changing technology and journalist practices. **Convergence**, 1999, 5:

22. Disponível em: <<http://con.sagepub.com/content/5/3/22>>. Acesso em: 20 nov. 2013.
- DOMINGO, David. When immediacy rules: online journalism models in four catalan online newsrooms". In: Chris Paterson; David Domingo (Eds.). **Making online news** (pp. 113 - 126). New York: Peter Lang, 2008.
- ESPERIDIÃO, Maria. A era do "kit correspondente": tendências da cobertura internacional no telejornalismo brasileiro. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**, 30, 2007, Santos, SP. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1175-1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.
- FRANCÉS, Miquel. Fundamentos tecnológicos. In: Bienvenido León (Coord.). **Detrás de las cámaras** (pp. 74 - 103). Salamanca: Comunicación Social, Ediciones y Publicaciones, 2014.
- GARCÍA, Xosé. & FARIÑA, Xosé. (Coords.). **Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España**. Santiago de Compostela. Universidade, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2010.
- GOMES, Adelino. **Nos bastidores dos telejornais: RTP1, SIC e TVI**. Lisboa: Editora Tinta da China, 2012.
- HEMINGWAY, Emma. **Into in the newsroom**. Exploring the digital production of regional television news. London: Routledge, 2008.
- HENDERSON, Keren. Narratives in local television news editing. **Electronic News**, 6(2), (pp. 67 - 80), 2012.
- HERREROS, Cebrían. **Información televisiva**. Mediciones, contenidos, expresión y programación. Madrid: Síntesis, 2003.
- KEIRSTAND, Phillip. **Computers in broadcast and cable newsrooms**. Using technology in television news production. Mahwah, NJ: LEA (Lawrence Erlbaum Associates), 2005.
- OHANIAN, Thomas. **Digital non-linear editing** – editing film and videotape on the desktop (2th. ed.). Butterworth-Heinemann, MA: Focal Press, 1998.
- PATERNOSTRO, Vera Iris. **Globo News: 10 anos, 24 horas no ar**. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- PAVLIK, John. **El periodismo y los medios de comunicación**. Barcelona: Paidós, 2005.
- PEREIRA, Fábio; JORGE, Tâís; ADGHIRNI, Zélia. Metodologias para o estudo de rotinas e identidade do jornalismo on-line. In José Díaz Noci;

Marcos. Palacios (Orgs.). **Metodologia para o estudo dos cibermeios:** estado da arte & perspectivas (pp. 235 - 246). Salvador: EDUFBA, 2008.

PICCININ, Fabiana. **Veja a seguir:** a transição do telejornal entre a linha de montagem e a rede. Tese de doutoramento. Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2007.

PICCININ, Fabiana. Edição na TV: olhares híbridos no tratamento da notícia. In A. Felippi, D. Soster; Piccini, F. (Orgs.). **Edição de imagens em jornalismo** (pp. 14 - 39). Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2008.

SARAIVA, Maria do Rosário (Coord.). **A cenografia da informação televisiva em Portugal.** Da sobriedade à espetacularidade das redacções. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

SCHAEFER, Richard; MARTINEZ, Tony III. **Trends in network news editing strategies from 1969 through 2005.** Disponível em: <<http://www.allbusiness.com/media-telecommunications/movies-sound-recording/13229378-1.html>, 2009>. Acesso em: 02 jan. 2012.

SILCOCK, William. Every edit tells a story Sound and the Visual Frame: a comparative analysis of videotape editor routines in global newsrooms. **Visual Communication Quarterly**, 14:1, (3-15), 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/15551390701361624>>. Acesso em: 22 set. 2013.

SIRACUSA, Jacques. **Le JT, machine à décrire.** Bruxelas: De Boeck & Larcier, 2001.